

CLARICE LISPECTOR: AS CARTAS

Nádia Battella Gotlib
USP

Ao longo da extensa e diversificada obra literária e jornalística de Clarice Lispector, composta de romances, contos, crônicas, páginas femininas, fragmentos, e também, segundo expressões da própria autora, "pulsações" e "impressões leves",¹ as cartas têm especial destaque, manifestando-se em múltiplas configurações. Em sua obra, o gênero epistolográfico, de caráter documental e confessional, funciona como útil instrumento de comunicação entre a escritora e seus amigos e parentes, sobretudo no período de quase dezesseis anos em que esteve ausente do Brasil, acompanhando o marido diplomata; também funciona como elemento de comunicação ativo a estabelecer contato entre a então jornalista do *Jornal do Brasil* e seus leitores, em final da década de 1960 e inícios da de 1970, no Rio de Janeiro. Os recursos específicos do gênero ainda alimentam soluções esteticamente refinadas sob a forma ficcional de crônicas.

Essa simples menção de itens já serviria para atestar a dificuldade de definição precisa de limites desse gênero, que, nascido da situação de separação entre pessoas, tenta, senão anular, pelo menos abreviar tal vazio, nessa ilusão de encontro, nessa simulação do "estar com", não estando, razão primeira desse discurso centrado num "eu" que remete a um "outro" entrevistado na distância.

Parece ser essa característica, a da ansiedade de estar em estado de companhia, a razão de tantas cartas terem sido escri-

tas, em alguns casos, somando números exorbitantes. Porque se nem só de cartas vive o homem, ou a mulher, podemos afirmar que muitos deles viveram escrevendo cartas: 1.155, por Mme. de Sévigné; 250 mil por Bernard Shaw. As de Voltaire ocupam 45 volumes. As de Rilke, que se correspondeu com 400 pessoas, 50 volumes (cf. Mitlman, 1990, p. 221-226). O nosso exemplo típico de "correspondente contumaz", Mário de Andrade, vem tendo suas inúmeras cartas paulatinamente publicadas, e na medida do possível alternadas com a correspondência passiva.

Se há variedade de número de cartas, há também variedade de formas do gênero, o que abre o leque das possibilidades de leitura e fomenta considerações teóricas e críticas reunidas em substancial bibliografia, que tenta determinar as devidas especificidades. No campo da ficção, para nos remetermos apenas à literatura brasileira, é o caso, por exemplo, do romance epistolar *Correio da roça*, de Júlia Lopes de Almeida, de 1913; ou do capítulo "Secretário dos amantes", de Oswald de Andrade, no livro *Pau-Brasil*, de 1925. Em território misto, surge a carta como literatura de viagens, por vezes também crônica, por vezes ensaio de reflexão filosófica, política, como também pode se configurar como sendo literatura de exílio, de testemunho, ou mesmo crítica de arte.

É nesse território, em que o gênero epistolográfico se manifesta na sua heterogeneidade e na múltipla convivência discursiva, que se situa a "carta" como parte da produção literária e jornalística de Clarice Lispector. Impossível furtar-se às considerações sobre o alcance de tais textos enquanto matéria de importância para a melhor compreensão da escritora, que se revela aí na complexidade de pessoa e artista, sugerindo questionamentos a respeito dos próprios limites que o gênero pode impor – ou mesmo mascarar: em que medida a carta traduz um "eu"? que "eu" seria esse? eu-escritora? eu-narradora? e como lidar com tais representações, em que se mesclam "entidades", no fundo, indissociáveis?

A situação que promove o ato de corresponder, através de cartas, em Clarice Lispector, cumpre uma primeira expectativa: a de um discurso em primeira pessoa. As circunstâncias privadas da sua produção incluem o caráter de discurso pessoal

e íntimo. Texto feito para ser lido pelo outro e não para ser publicado, ou seja, discurso centrado na existência de um diálogo – a carta e sua resposta sob a forma de carta – tal discurso parece ter sido feito para habitar apenas esse território das relações que se estabelecem entre as duas pessoas, não ultrapassando o circuito de tal privacidade.

Assim sendo, a seleção dos fatos, por princípio, detém-se nesse mundo pessoal, sem a preocupação de grandes temas. Alimenta-se, como a crônica, da rotina, do dia-a-dia, do rés-do-chão (cf. Candido, 1992, p. 13-22). Daí o seu parentesco mais próximo também com o diário, no sentido mais geral de registro cronologicamente datado do que acontece a determinada pessoa. As variações em torno dessa constante, porém, acarretam rendimentos estéticos surpreendentes. Examinaremos alguns deles, a seguir.

A carta como crônica: pela via jornalística

A carta enquanto recurso ficcional, sob a forma de crônica, existe nos guardados de “fundo de gaveta”, título da segunda parte do volume *A legião estrangeira*, publicado em 1964, que reúne fragmentos mais ou menos breves. Ou surge como objeto de trabalho jornalístico, por injunção da necessidade de manter contato com o leitor, como acontece no período em que a escritora colaborou semanalmente para o *Jornal do Brasil*.

Como se sabe, a carreira literária de Clarice Lispector foi marcada por algumas incursões temporárias pelo jornalismo. No início da década de 40 atuou como repórter do periódico *A Noite*, no Rio de Janeiro, onde, aliás, conheceu Antonio Callado e Lúcio Cardoso, época em que fez entrevistas e em que escreveu alguns contos, alguns deles publicados em periódicos cariocas. Num segundo momento, escreveu páginas femininas para alguns periódicos cariocas: na década de 50, para o *Comício* (1952), assinando com o pseudônimo de Tereza Quadros; e para o *Correio da Manhã* (1959-60), com pseudônimo de Helen Palmer; ainda nos anos 50, atuando como *ghost writer* de Ilka Soares, escreveu no *Diário da Noite* (1950-51). No início dos anos 60, colaborou na revista *Senhor*, responsável, aliás, pela divulgação de Clarice Lispector entre um público maior. No final dos anos

60, passa a escrever para o *Jornal do Brasil* (de 1967 a 1973), tendo parte desse material reunido em *A descoberta do mundo*, de 1984. Faz também entrevistas para a revista *Manchete* (1968-69), na seção “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”; e para a *Fatos e Fotos* (1976-77), na seção “Gente” – sendo que algumas dessas entrevistas foram reunidas no volume *De corpo inteiro*, de 1975 (cf. Nunes, 1991 e 1997).

Enquanto crônica, um dos procedimentos adotados por Clarice, quando se vale da carta, é o do registro “fiel” do texto, mediante transcrição de cartas de outros, fidelidade de transcrição que pode no entanto ser questionada, na medida em que tais textos podem ter sido inventados pela autora ou mesmo na medida em que ocupem novo contexto.

Em “A cozinheira feliz, a grandeza da sinceridade”, por exemplo, a cronista simplesmente “transcreve” a carta do namorado, Edgar, para sua namorada Therezinha (Lispector, 1964, p. 170). Consegue, assim, efeito semelhante ao que Oswald de Andrade conseguira parodicamente em alguns momentos de *Memórias sentimentais de João Miramar*.² Transcrevo uma segunda versão dessa crônica de Clarice, publicada no *JB*, com o título de “A cozinheira feliz”:

A cozinheira feliz

Não sabia ler, eu li alto para ela a carta. “Teresinha meu amor. Estás sempre em meu coração. Desde o momento em que a vi meu coração tornou-se cativo de seus encantos. Ao vê-la tão meiga e bela senti Minha Alma perturbada minha vida até então vazia e triste. Tornou-se cheia de luz e esperança acesa em meu peito a chama do amor. O amor que despertou em mim. Teresinha queridinha do coração é iluminado pela sua pureza e encontra em meu coração a grandeza de minha sinceridade. Que felicidade podemos encontrar um dia num coração que pulse Junto ao nosso, irmanados nas doçuras e agruras da vida um coração amigo que nos conforte uma alma pura que nos adore e leve ao céu doce balada de amor a mulher querida com que sonhamos. Eternamente seu apaixonado Edgar. Da Teresinha querida peço-lhe uma Resposta. Estrada São Luís 30-C, Santa Cruz é o meu endereço. (Lispector, 1984, p. 643-4)

Pois é nessa mesma coluna do *JB* que a escritora publica outros textos, chamados de modo geral de crônicas, em que escreve cartas para os seus leitores, como respostas às cartas que estes lhe haviam escrito. Entabula uma correspondência num tom amigável de descontraída conversa entre “quase amigos”, mas permanece a “marca-Clarice”, pois a partir de textos aparentemente leves e quase ingênuos, Clarice surpreende o seu caro leitor.

Em 29 de junho de 1967, no fragmento intitulado “Correspondência”,³ pede desculpas aos seus leitores: “não respondi porque não sei onde guardei as cartas: vivo perdendo coisas dentro de casa mesmo. Mas um dia acho e respondo”.⁴ Parece que achou, pois a resposta vem logo em seguida, num bloco em que os fragmentos acumulam-se, com recados, lembretes, conselhos, recomendações, como se assim cumprisse tarefa necessária e impossível de ser adiada.

Essa tarefa nem sempre parece agradável. A cronista irrita-se com uma das missivistas, que faz comentário maldoso em torno da vida pessoal de Clarice, que teria ficado angustiada com o recente casamento de seu ex-marido. É em tom igualmente agressivo e malcriado que a escritora dá o troco, esclarecendo que aprovou o casamento do seu ex-marido e convivia amigavelmente com ele e sua nova esposa. Recusa-se, no entanto, a informar sobre as razões verdadeiras de sua depressão e termina em tom acintoso: “Está bem, meu benzinho?”

Os fragmentos sucedem-se em ritmo acelerado, como numa seção de *faits-divers*. Alguns mandam-lhe textos, que a escritora lê e comenta. Outros enviam-lhe convites para espetáculos de música: a cronista desculpa-se quando não pode comparecer. Um deles parece que tentara opinar a respeito de sua pessoa; e a colunista lhe responde: “Não procure adivinhar quem eu sou: eu mesma até hoje não adivinhei”. Outro manifesta-se a respeito de crônica anterior: “Gostei de seu grito, é um grito tão forte que despertei. Não sei se o entendi completamente, mas despertei”. Essa reação, aliás, parece ser freqüente em leitores de Clarice, quando se sentem despertados – ou “tocados” – sem saber se entenderam o texto completamente.

As respostas a cada leitor vão se colando, uma após outra. Assim monta-se a crônica, somando assuntos, destinatários, comentários e motivos diversos. Amarram-se, porém, em torno de um nó, um eixo, que funciona como elemento desencadeador da ação mesma de escrever: o cansaço, ou melhor, o grito de cansaço. Essa matéria de que é feito o seu texto, que é um “grito”, “não se pode chamar nem de crônica nem de coluna nem de artigo”, segundo a própria cronista, que insere esse comentário “meta-cronístico” entre os fragmentos de sua matéria jornalística. Seguem-se outros assuntos do seu cotidiano – filhos, afilhados.

Além disso, confessa suas frustrações: “O mundo falhou para mim, eu falhei para o mundo”. Confessa ainda estar cansada de tanta gente e preferir os que a consideram antipática, com os quais encontra essa afinidade, já que ela também se acha antipática. É o que afirma, no final da crônica: “O que farei de mim? Quase nada. Não vou escrever mais livros. Porque se escrevesse diria minhas verdades tão duras que seriam difíceis de serem suportadas por mim e pelos outros. Há um limite de se ser. Já cheguei a esse limite”.

Concluimos, pois, que, num primeiro momento, Clarice não é a narradora distante, mas a que se apresenta e age como conselheira, amiga, colega, parente, madrinha, enfim, a que procura estar presente, participando da vida do outro, o seu leitor, que deve senti-la fiel e próxima. Mas tudo isso... à moda de Clarice, ou seja, levando o seu caro leitor à experiência do dificilmente suportável.

Será que esses caríssimos leitores efetivamente existiram? Clarice Lispector teria mesmo recebido deles cartas sobre os assuntos que aí expõe? Teria deles recebido livros? Textos? Bilhetes? Rosas? Comentários maldosos? Ou seria essa mais uma de suas ficções, dirigidas aos seus leitores de cada sábado?

A carta como documento autobiográfico

Se pairam dúvidas em relação a destinatários de Clarice nas crônicas de jornal, não há dúvida quanto ao destinatário de Clarice na sua correspondência pessoal a amigos. Foram muitos:

entre eles, sobretudo, Lúcio Cardoso, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Bluma Wainer e o amigo também de muitos anos, Fernando Sabino, em correspondência publicada recentemente no volume intitulado *Cartas perto do coração* (cf. Sabino, 2001).

São 50 cartas: 23, dele; 27, dela, escritas num período de 23 anos, de 1946 a 1969. Examinadas as datas, haveria que realçar pelo menos três lotes: um primeiro, com cartas de 1946 e 1947, num total de 15 (sendo oito dele, sete dela); um segundo lote, com cartas da década de 50 – de 1953 a 1959, num total de 34 (sendo 14 dele, 20, dela); e uma única carta dos anos 60, já de 1969, escrita por ele, e que encerra o repertório.

Das 21 cartas que faziam parte do espólio de Clarice Lispector, depositadas nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, havia 17 à disposição do público. A essas 21, o organizador acrescenta mais duas por ele escritas, somando, assim, 23, as quais seguem publicadas alternando cronologicamente com as de Clarice, que somam 27.⁵

Sabe-se que dos manuscritos e datiloscritos para o papel impresso, muita coisa desaparece. A fisionomia gráfica do escrito perde-se, na uniformidade do papel impresso, homogêneo, sem as nuances de tamanho, forma, e mesmo ritmo da letra vencendo o papel. Até as deficiências da máquina de escrever, no caso dos datiloscritos, têm seu charme, que evapora, com a publicação. Perde-se também a mescla do que é datiloscrito com as correções, complementações, comentários, num compósito variado de registros ao qual a cor do papel, alterada com o tempo, dá o seu toque final.

Por outro lado, a montagem das cartas de correspondência ativa e passiva, possível nessa publicação, que respeita a ordem cronológica segundo data registrada pelo missivista, possibilita o acompanhamento mais fiel do diálogo, a compreensão das alusões, funcionando como uma narrativa com diferentes capítulos, em que não falta a expectativa diante das reações ao dito aqui, a ser futuramente respondido ali, recursos que permitem ao leitor a construção imaginária de “cenas” armadas no palco dessa metáfora de conversa.

As qualidades do organizador, o próprio Fernando Sabino, colaboram para essa compreensão, através das elucidativas notas de rodapé, com algumas informações que só ele mesmo poderia nos dar: sabiam que Pajé é o Otto Lara Rezende e Nicodemus é o Paulo Mendes Campos? É assim que se chamavam, na intimidade.

E a cena desse encontro é marcada pelo tom de profunda amizade, que segue seu curso, tem vida longa, mas – como tudo – com diferentes climas, emoções e reações. Nos momentos de entusiasmo, a carta sobressai pela quantidade e variedade de dados – notícias de amigos, lugares, passeios, episódios, comentários, brincadeiras – e cresce o valor documental que traduz um contexto, por vezes aliado à boa forma da “crônica de época”. Por outro lado, quando o assunto se esgarça, volta-se para a própria carta – num discurso metaepistolográfico – em que ficam patentes as dificuldades de se entabular, reatar, efetivar a comunicação. Não há uniformidade de comportamento por parte dos missivistas e talvez sejam essas curvas de ânimo/desânimo o que melhor traduz a linha da vida, a experiência no seu momento de duração, a carta como escritura.

Quando Clarice escreve para Fernando Sabino sua primeira carta, a 21 de abril de 1946, estava em Berna, acompanhando o marido diplomata. Fernando Sabino conhecera-a no Rio, apresentado por Rubem Braga, nesse intervalo entre Nápoles – para onde fora com o marido em 1944, e agora Berna – onde iria morar até 1949. O amigo já recebera, em 1944, o romance *Perto do coração selvagem*, autografado, não sabe ele por recomendação de quem, desde que ainda não a conhecia pessoalmente.

A primeira carta é também uma crônica de viagens, em que relata o percurso até a Suíça, passando por Natal, Dacar, Casablanca, Cairo, Atenas, Roma... e, finalmente, Berna. Essa carta não se equipara, em qualidade, à sua primeira “carta da travessia”, que escreveu para Lúcio Cardoso, quando viajou pela primeira vez, em 1944, para Nápoles.⁶ No entanto, esta, de 1946, relatando mais uma sua travessia, ela escreve não só para Fernando Sabino, mas para Helena (esposa de Sabino), Paulo (Mendes Campos), Otto (Lara Rezende) e traduz a coesão do “grupo carioca”, feito de mineiros e... uma ucraniana. As men-

ções, na carta, a Sérgio Milliet, complementam os dados dessa vida em sociabilidade agradável que parecia vigorar nesses anos de vida da moça no Rio de Janeiro.

É na carta-crônica datada de fevereiro de 1947 que a cidade de Berna se desvenda: “O jeito é olhar Berna da janela (...) Berna é linda e calma, vida cara e gente feia; com a falta de carne, com o peixe, queijo, leite, gente neutra, termino mesmo dando um grito e comendo o primeiro boi de alma doente que eu encontrar; falta demônio na cidade...” (Sabino e Lispector, 2001, p. 8-9). Eis o que mais a toca, essa “neutralidade íntima” dos habitantes (id. ib., p. 81), que aparece em tantas cartas suas – às irmãs, por exemplo (cf. Borelli, 1981) – e em algumas crônicas, textos em que a cidade suíça surge como um insuportável “cemitério de sensações”...⁷

Também é com este espírito de viajante – a carta como crônica de viagens – que Clarice Lispector relata ao amigo Fernando Sabino sua estada de um mês em Paris, de 4 de janeiro a 4 de fevereiro de 1947, de que cito um trecho:

Encontramos lá Schmidt (o Augusto Frederico, poeta) e a mulher (que é prima do Maury, coisa descoberta em Paris...), conhecemos bem o Santiago Dantas, conhecemos o Ceschiatti (de quem gostamos muitíssimo), vi uma vez o Pedrosa (o José, escultor mineiro), por acaso, num almoço de brasileiros. (...) Por intermédio do Schmidt e do Santiago, conhecemos um rapaz que tem uma livraria e que por si mesmo não tem importância, mas era um amigo íntimo de Valéry, de Léon-Paul Fargue e de Collete. Eu perguntei sobre Valéry e ele respondeu coisas que eu não tinha perguntado e que não me interessam muito. Que Valéry era pornográfico, mais quel esprit! Il était un roi! E ele era amante da cunhada. Não me interessa. Fomos muito ao teatro: Hamlet, traduzido pelo Gide, trabalhado pelo Jean-Louis Barrault, “L’aigle à deux têtes”, de Cocteau, “Les Parents Terribles”, de Cocteau, “Les Mal Aimés”, de Mauriac, etc. Me cansei muito, falei muito, mais do que gosto de falar, ouvi muitas bobagens, fui de novo ao museu Rodin, ao Louvre, comprei perfume e agora mesmo estou perfumada e contente. Voltei com uma necessidade quase

cruel de trabalhar e de ler, uma vontade de estar só e de não contar que estive só...

Assim como a carta permite, pela memória, que se reconstrua a vida social da escritora na sua relação com amigos, no Rio de Janeiro, e a sua vida nada social em Berna, essa carta traduz a fermentação da vida parisiense, caracterizada pelo frenesi intelectual não só mediante programação intensa como através de certos *potins* que habitam o cenário artístico, já filtrado pela trivialidade do cotidiano. Tamanha movimentação acabaria por lhe provocar um estado de cansaço social, aliás, tantas vezes por ela experimentado.

Esse tempo em Paris me deixou menos piedosa, quer dizer, sei muito mais distribuir minha piedade agora, sou muito mais ruim. Quando voltei, as pessoas me acharam com ar de menino e moleque, e não de “feminino”, de Vogue. Foi o que me disseram. Je m’en fiche. Aliás, estou num “m’en fichismo” muito agudo.

E ainda complementa, realçando o parágrafo com travessão:

– Tive um verdadeiro cansaço em Paris de gente inteligente. Não se pode ir a um teatro sem precisar dizer se gostou ou não, e porque sim e porque não. Aprendi a dizer “não sei”, o que é um orgulho, uma defesa e um mau hábito porque termina-se mesmo não querendo pensar, além de não querendo dizer. (Sabino e Linspector, 2001, p. 81)

Essa recusa a pronunciar-se, fechando-se repentinamente em si mesma, em recolhimento e silêncio, faz parte do repertório de atitudes de Clarice Lispector e acontece em diferentes momentos. É o caso, por exemplo, da entrevista feita por Júlio Lerner para a TV Cultura, em que a escritora se nega a responder algumas das questões que lhe foram dirigidas. (cf. Lerner, 1992, p. 62-69). Além disso, uma aptidão para, a partir de motivos banais, recair sempre na análise dos ondeamentos mais profundos da intimidade, com fina sensibilidade e ironia, atitude reiterada por Clarice, é explicitada pela própria autora da carta, que revela, aliás, ter consciência de seus procedimentos e recursos de escrita.⁸ Logo em seguida, nessa mesma carta, depois de contar que está se mudando para casa nova, afirma:

Fernando, estou tentando terrivelmente escrever uma carta de notícias mas não consigo mesmo. No dia em que eu conseguir escrever uma carta de notícias talvez possa escrever uma história com um verdadeiro enredo.

Acrescentaria também o restante do parágrafo, em que anuncia seu hábito de recorrer a cartomantes (dona Nair, do Méier), numa cena à moda de Macabéia, de *A hora da estrela*:

Leram minha mão e disseram que não sou muito feliz. E que não vou ser muito feliz. Que coisa. Muitas coisas não quiseram me dizer e é isso que está me incomodando. Disseram também que sou uma pessoa muito controlada. (Sabino e Lispector, 2001, p. 82)

Continua, entretanto, a escrever sua carta de notícias impossível de ser escrita. Conta que mudou a fita da máquina de escrever; foi a um concerto; leu pedaços do diário de Julien Green, de que cita trechos, comentando as afinidades que tem com ele e terminando com um depoimento de leitora:

Em muita coisa me sinto tão parecida com ele, que paro para respirar profundamente e, ao mesmo tempo que me dá uma sensação muito boa de comunicação, me dá uma sensação intolerável de prisão, como cada vez que sou “compreendida”. (id. ib., p. 83)

A carta não só registra detalhes de matéria a ser ficcionalmente utilizada, como permite que se acompanhe tal processo de experiência pessoal, em que emerge o recato ao se deparar com o risco de um possível desvendamento diante do outro.

Esta primeira reunião de cartas traduz, pois, uma crise interna de Clarice, em conflito entre um expor-se e retraindo-se, que por sua vez acarreta fases de ânimo e de desânimo, quando procura então, simplesmente, passar o tempo. Em carta de 19 de junho de 1946, já endereçada a New York, para onde fora Fernando Sabino com a família, afirma:

Mas eu tenho ido de tarde à biblioteca pública. E por estranho que pareça, estou estudando cálculo das probabili-

dades. Não só porque o abstrato cada vez mais me interessa, como porque eu posso renovar minha incompreensão e concretizar minhas dificuldades gerais. (id. ib., p. 20-21)

Ou então desanima, como quando recebe críticas negativas a respeito de seus romances, como as de Álvaro Lins, que afirma que

meus dois romances são mutilados e incompletos, que Virgínia parece com Joana, que os personagens não têm realidade, que muita gente toma a nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade essencial do romance, que eu brilho sempre, brilho até demais, excessiva exuberância... Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada, chorei de desânimo e cansaço. Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente. Tudo o que ele diz é verdade. Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz e doidinho, Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é a minha verdadeira moralidade. (id. ib., p. 21)

Nesses momentos, não consegue trabalhar. É o que registra a carta de 27 de junho de 1946:

Passo os dias procurando enganar minha angústia e procurando não fazer horror a mim mesma. (...) Caí inteiramente e não vejo um começo sequer de alguma coisa nascendo. (id. ib., p. 35)

Por outro lado, recebe crítica positiva do amigo e fica de novo revigorada: "De repente me pareceu que devo continuar a trabalhar, que tudo está ruim, mas que é assim mesmo, (...) e que de vez em quando a gente pode receber este presente gratuito que é a palavra de um amigo" (id. ib., p. 51). A carta cumpre aí sua missão como oferta, como dádiva, e é bem recebida pelo destinatário.

Este seria um dos posicionamentos constantes mantidos por Fernando Sabino ao longo desta correspondência: mostra-se o amigo fiel, dedicado, e leitor sensível, que se dispõe a ler – e efetivamente lê – os textos da amiga com cuidado, fazendo

críticas pertinentes e oportunas, que inclusive interferem positivamente na produção literária de Clarice.

Os comentários sobre a literatura da amiga, que o escritor expõe em carta de 6 de julho de 1946, denotam consciência da importância dessa literatura e do estado de risco que a caracteriza. “Tenho uma grande, uma enorme esperança em você e já te disse que você avançou na frente de todos nós, passou pela janela, na frente de todos. Apenas desejo intensamente que você não avance demais para não cair do outro lado. Tem de ser equilibrista até o final” (id. ib., p. 29). E deseja que Clarice “descubra o que é que esse seu livro vai ser” (id. ib., p. 28).

Fernando Sabino leu os primeiros contos que ela lhe enviou. Entre eles, “O crime”, posteriormente intitulado “O crime do professor de matemática”. Leu os contos que a autora acrescenta aos da publicação de 1952, compondo os *Laços de família*, publicados em 1960. Leu o romance *A veia no pulso*, que haveria de ser publicado posteriormente com o título de *A maçã no escuro*, redigindo então 204 notas de sugestão de mudanças que acabam sendo, todas, acatadas por Clarice, que também por isso reduz consideravelmente a extensão do romance.⁹ Leu o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, que ele admira, embora sinta total aversão pelo personagem Ulisses... (sabe-se lá por quê!) – romance que publicará, aliás, pela editora Sabiá, da qual Fernando Sabino era um dos sócios.

Por outro lado, Clarice retribui. Lê, com cuidado, *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, e faz considerações de interesse, numa carta de 8 de janeiro de 1957, percebendo aí obra de maturidade, de ritmo veloz, que a fez sentir de repente aí imersa, fazendo parte de uma “geração”, ou de “alguma coisa essencial que você pegou”, concluindo: “O livro todo parece filmado em luz de rua, sem *maquillage*. Por isso dá às vezes a impressão desconcertante de falta absoluta de ‘literatura’ – e então se sente que este é o modo até sofisticado (sofisticado como contrário de ‘*naïve*’) de literatura. O estratagema é quase uma ausência de estratagema” (id. ib., p. 188).

Alguns dias mais adiante, em carta de 24 de janeiro, complementa esse dado de leitura, argumentando a favor da maturidade dele – não dela:

O meu livro é uma “verdade” minha, mas errei, e por covardia tornei dentro de mim uma “verdade apenas de arte”. Me escondi de mim o quanto pude. Sofri com ele e nele, mas não saí livre. (...)

Só posso lhe dizer, Fernando: o livro que você escreveu pareceu me libertar mais do que o livro que eu própria escrevi. Eu não sei “me dar”, você soube “se dar”. (Sei que estou sendo chatíssima.) (id. ib., p. 193-194)

Fica patente também, nessas cartas, a história das edições, que implica dados sobre a figura dos editores e a história das próprias empresas editoriais, tentativas frustradas, esforços de publicação, providências e resultados efetivos de tais empreitadas. Num momento, por exemplo, de desânimo, em que nenhuma das editoras se manifesta de modo efetivo, Clarice desiste de publicar o romance, manifestando sua frustração, como “moça que faz enxoval de casamento e guarda num baú”, acrescentando, no desespero: “É horrível ver enxoval amarelecendo” (id. ib., p. 181).

Acompanha-se o entusiasmo dos dois em relação ao aparecimento de *Sagarana*, de Guimarães Rosa, e de *Grande sertão: veredas*, que é lido e ganha comentários de interesse pelos dois. Clarice escreve carta curta apenas para comentar a reação que teve ao ler o romance:

Nunca vi coisa assim! É a coisa mais linda dos últimos tempos. Não sei até onde vai o poder inventivo dele, ultrapassa o limite imaginável. (...) Ele (...) inventou a verdade. Que mais se pode querer? Fico até aflita de tanto gostar. Agora entendo o seu entusiasmo, Fernando. (...) O livro está me dando uma reconciliação com tudo, me explicando coisas adivinhadas, enriquecendo tudo. (...) Acho a mesma coisa que você: genial. Que outro nome dar? Esse mesmo... (id. ib., p. 179)

A tais comentários, acrescenta dados esparsos sobre a situação de derrocada política e social no período da ditadura Vargas.

A importância de tal correspondência para a compreensão da “questão Clarice” está, pois, no seu caráter documental: história de experiências culturais que tratam de espetáculos que

viu, livros que leu, pessoas com quem conviveu e com quem trocou comentários analíticos e críticos, além de lugares onde viveu, casas onde morou. Como seria possível compor a vida de Clarice, enquanto viveu no exterior, sem tais dados de marcação biográfica?¹⁰

Já nas cartas do segundo lote, Fernando Sabino é que se mostra arredio. Agora ele é que está no Brasil, passando por período difícil, com a separação da esposa. E ela, Clarice Lispector, que está nos Estados Unidos, morando em Washington, depois de haver voltado da Suíça e já ter morado seis meses na Inglaterra. Lá ficará até 1959, quando voltará para o Brasil, já separada do marido, para viver definitivamente no Rio de Janeiro.

Quatro dessas cartas de Fernando Sabino foram escritas de junho a setembro de 1953, no ano seguinte ao do embarque de Clarice, com o marido e um dos filhos, para os Estados Unidos. A primeira delas, dois meses depois de separar-se da esposa, Helena. Manda a Clarice o novo endereço e mostra-se um tanto desorientando, sem ânimo para lhe escrever. Deixa três cartas de Clarice sem resposta. A última que lhe escreve, neste período, só consegue mandar depois de 10 dias.

Há, no entanto, um assunto em pauta, que persiste ao longo das cartas e que, de certa forma, sustenta a comunicação: a colaboração de Clarice Lispector na revista *Manchete*, sob a forma de “bilhetes americanos”, com matéria variada sobre os Estados Unidos, se possível em tom “impessoal e noticioso” (id. ib., p. 115). Conta então com a ajuda de Fernando Sabino, que procura Hélio Fernandes, então diretor da revista, para as devidas providências. Uma das questões refere-se à assinatura da matéria. Clarice insiste em usar pseudônimo, sugerindo o de Tereza Quadros, por ser “espertinha e versátil” (id. ib., p. 101), que já usara ao escrever as suas Páginas Femininas, em coluna intitulada “Entre Mulheres”, na revista *Comício*, dirigida por Rubem Braga. É interessante o argumento de Clarice, defendendo o uso do pseudônimo. Pretende, assim, escrever como uma outra, evitando “expor-se” em revista de grande circulação. E Fernando Sabino rejeita essa hipótese, afirmando que para o leitor seria importante o nome dela, por extenso ou só com as iniciais.

De todos os dados de caráter informativo, opinativo, ou mesmo entre as tantas sugestões, brincadeiras, reflexões sérias, palpites, casos, enfim, de todo esse material exposto nas cartas desse período, um deles me fisgou, talvez pela sua própria insuficiência, mais anunciando que completando sentido, inserindo-se na pauta das ambiguidades tão características do universo ficcional de Clarice Lispector.

É quando Fernando Sabino reluta em mandar a carta porque a carta não traduz o que quer dizer. Afirma ele: “Eu não devia mandar esta carta. Tenho tanta coisa para lhe dizer” (id. ib., p. 102). E ainda afirma ao iniciar a carta que não devia mandar, mas manda: “Infelizmente a carta que eu queria escrever a você não posso escrever” (id. ib., p. 101).

Também Clarice, cercada de neve, no inverno de Washington de 1954, arrepende-se de escrever uma carta ao amigo e lhe conta, um tanto desesperada:

Onde estava você? (...) Aonde você está, heim, Fernando? Que sensação engraçada: não sei se essa carta chega ou não, e gasto quase uma página para dizer isso. (...) Aqui tudo bem, igual, com uma neve forte, e eu não gosto de neve, o que me parece uma falta de gosto. Acho que a minha última carta foi com palavras de “grandeza” e etc., que me encabularam muito depois.

E acrescenta, finalmente:

Nunca esqueci de um filme que vi há séculos, em que uma pessoa bota uma carta no correio e se arrepende e sai correndo atrás dos cavalos na neve e não consegue recuperar a carta. (id. ib., p. 117)

Cartas que “não” foram escritas. Cartas que “não” deveriam ter sido enviadas – porque não se disse o que se queria ou porque se disse o que não se queria dizer. Cartas que foram enviadas mas “não” recuperadas a tempo.

Como toda escrita, a carta, desenhada nesse vai-e-vem da ausência, não foge ao jogo das disjunções entre o desejo e o disponível, entre o que se quer e o que se consegue ou não se conse-

que atingir. É desse desencontro marcado que vem o elogio de Fernando Sabino a uma das cartas que lhe escreve Clarice Lispector. Depois de curto período no Brasil, de janeiro a setembro de 1954, ao voltar para os Estados Unidos com o marido, Clarice estranha que Fernando Sabino não tenha lhe telefonado, já que ela lhe pedira para não ir ao aeroporto. Por causa disso, ela lhe escreve logo após sua chegada em Washington, tentando desmanchar esse desconforto. E ele responde, refutando as “complicações”, que “não são tolas, mas inúteis”. E afirma:

Mas valeu o desencontro porque forçou uma carta tão boa que parecia uma carta de Mário de Andrade: isso é elogio. (id. ib., p. 120)

Eis a carta, diria eu, a metacarta:

Washington, 25 outubro 1954

Alô, Fernando,

estou escrevendo pra você mas também não tenho nada o que dizer. Acho que é assim que pouco a pouco os velhos honestos terminam por não dizer nada. Mas o engraçado é que não tendo absolutamente nada o que dizer, dá uma vontade enorme de dizer. O quê? Quando não tenho o que dizer, fico com vontade de “passar a limpo” tudo ou então de “apagar tudo” e recomeçar, recomeçar a não ter o que dizer. Ou então viro criança e minha vontade seria depender inteiramente de outra pessoa e esperar dela todos os ensinamentos. Ou então viro mãe e me preparo toda para dizer grave: as coisas são assim e assim, meu filho. Preparo-me bem grave, tenho o gesto maternal de começar a informar – e na hora de abrir a boca não tenho o que dizer, viro de novo ignorante e em vez de dizer o discurso, imploro: por favor, diga! E assim é que, por não ter absolutamente nada o que dizer, até livro já escrevi, e você também. Até que a dignidade do silêncio venha, o que é frase muito bonita e me emociona civicamente.

Se você responder esta carta com outra onde você também não saiba o que dizer, vai parecer aquele jogo que você certamente já brincou um dia: o jogo de “vamos ver quem pisca antes”, quem agüenta mais tempo ficar com

os olhos bem abertos. Quem piscar é castigado. Humildemente, informo que sempre pisquei antes, tenho longo passado a piscar. Pois se agora mesmo estou quase piscando! – Não seja preguiçoso, Fernando, e me escreva, mesmo que nada tenha a me informar. Não sou exigente, quero carta apenas. Também para lhe escrever de vez em quando e mandar para você a minha amizade. Abraço da

Clarice

Com o maior tato e *savoir-faire*, informo-lhe que deve existir à venda nas boas casas do gênero algum “manual de perfeito correspondente” e que ajuda muito nas missivas sobretudo quando não se tem o que dizer. (id. ib., p. 122-123)

Fica um mistério, algo não nominado, que lembra a observação de Richard Ellmann (o biógrafo de Joyce e Oscar Wilde): “O biógrafo moderno está ciente de que a carta é uma forma literária através da qual o escritor e o que recebe jogam um jogo de dissimulação e revelação. O que temos de ler na correspondência é o que não está escrito lá”.¹¹ Abre-se a perspectiva para se considerar que na ficção o escritor mais abertamente se revela, livre de pressões interiorizadas.¹²

Coincidentemente, tal afirmação nos remete à própria produção jornalística e ficcional de Clarice: quando não fala de si, parece falar; quando fala, parece sempre escapar do nosso alcance e nos ludibriar.

NOTAS

¹ Clarice Lispector anexa ao título *Um sopro de vida*, romance póstumo de 1988, o subtítulo “pulsações”, como já anexara ao livro de contos e pequenos fragmentos intitulado *Visão do esplendor*, de 1975, o subtítulo de “impressões leves”.

² Refiro-me à “carta administradora”, no capítulo 76, e ao fragmento “Mlle. De Sévigné”, no capítulo 140, além de outras, disseminadas ao longo do livro: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. v. 2: *Memórias sentimentais de João Miramar*. Serafim Ponte Grande.

³ Este é um dos fragmentos que não foram posteriormente publicados no volume *A descoberta do mundo*, conforme nos revela o cuidadoso trabalho de Célia Maria Ranzolin, que fez o cuidadoso cotejo entre os textos publicados no jornal e no volume em questão. Cf. RANZOLIN, Célia Maria. *Clarice Lispector cronista: no Jornal do Brasil (1967-1973)*. 1985. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

⁴ Idem, ibidem, p. 38-39.

⁵ Dessas cartas, três já haviam sido publicadas antes em: SABINO, Fernando. Livro novo, alguns contos, a maçã no escuro. (De três cartas de Clarice Lispector). In: _____. *Perto de Clarice*. Rio de Janeiro: Casa de Cultura Laura Alvim. s.p.

⁶ É assim que nomeio tal carta, em: GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995. p. 188.

⁷ Cf. Gotlib, Nádía Battella. Em Berna: as cartas de maio. In: _____. *Clarice, uma vida que se conta*, p.218-229.

⁸ É possível detectar núcleos de similaridade entre os diferentes textos de Clarice Lispector, ainda que praticando diferentes gêneros, ponto que tentei desenvolver na leitura da obra literária e jornalística de Clarice. Aliás, complementando, há uma certa equivalência entre tais 'procedimentos' evidentes nos textos e certos 'biografemas', ou seja, certas marcas de atitudes, o que leva a se concluir que há um repertório geral de dados referentes a uma *postura* de Clarice, tanto no campo mais propriamente de cunho documental e biográfico, quanto de cunho literário e ficcional. (Cf. Gotlib, 1995).

⁹ O organizador da edição de tal correspondência, Fernando Sabino, ao mencionar as notas e situá-las nas páginas do romance então datiloscrito, tem a generosidade de fazer referência ao número de tais páginas na última edição do romance, para que o leitor possa acompanhar os trechos ali mencionados e melhor entender a razão dos seus comentários.

¹⁰ Muitos dados referentes a Clarice vieram a público apenas recentemente. Muitos ainda permanecem no limbo, como os textos na íntegra das cartas que escreveu às suas duas irmãs. O livro de Olga Borelli foi o grande responsável pela abertura do enfoque biográfico, porque introduziu uma Clarice inserida no cotidiano, que ela conseguiu acompanhar de perto, durante alguns anos. Também no seu livro, Olga Borelli transcreveu cartas de Clarice endereçadas às irmãs e à própria amiga Olga. Mais tarde, o depósito do espólio de Clarice na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e a publicação do respectivo catálogo, em 1993, organizado por Eliane Vasconcellos, consolidou esse processo de colocar a documentação disponível ao público.

¹¹ Apud BROWN, John L. 1990. p. 216.

¹² Idem, ibidem, p. 217, remetendo a afirmação de M. Bossis em "La correspondance comme figure de compromis". Colloque de Nantes, p. 237.

TRABALHOS CITADOS

ANDRADE, Oswald de. *Obras completas. Memórias sentimentais de João Miramar. Serafim Ponte Grande*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. v. 2:1.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BROWN, John L. What ever happened to Mme de Sévigné? Reflections on the fate of the epistolary art in a Media Age. *World Literature Today. A Literary Quarterly of the University of Oklahoma*, Spring 1990.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: _____. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Campinas; Ed. da Unicamp, 1992. p. 13-22.

- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- LERNER, Júlio. A última entrevista de Clarice Lispector. *Shalom*, São Paulo, v. 27, n. 296, jun-ago. 1992.
- LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira: contos e crônicas*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MITTLEMAN, Leslie B. The Twentieth-Century English Letter: a Dying Art? *World Literature Today. A Literary Quarterly of the University of Oklahoma*, Spring 1990.
- NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista*. 1991. Dissertação (Mestrado em Letras) – FFLCH-USP, São Paulo.
- _____. Aparecida Maria. *As páginas femininas de Clarice Lispector*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH-USP, São Paulo.
- RANZOLIN, Célia Maria. *Clarice Lispector cronista: no Jornal do Brasil (1967-1973)*. 1985. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. *Fernando Sabino-Clarice Lispector, Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Record, 2001.